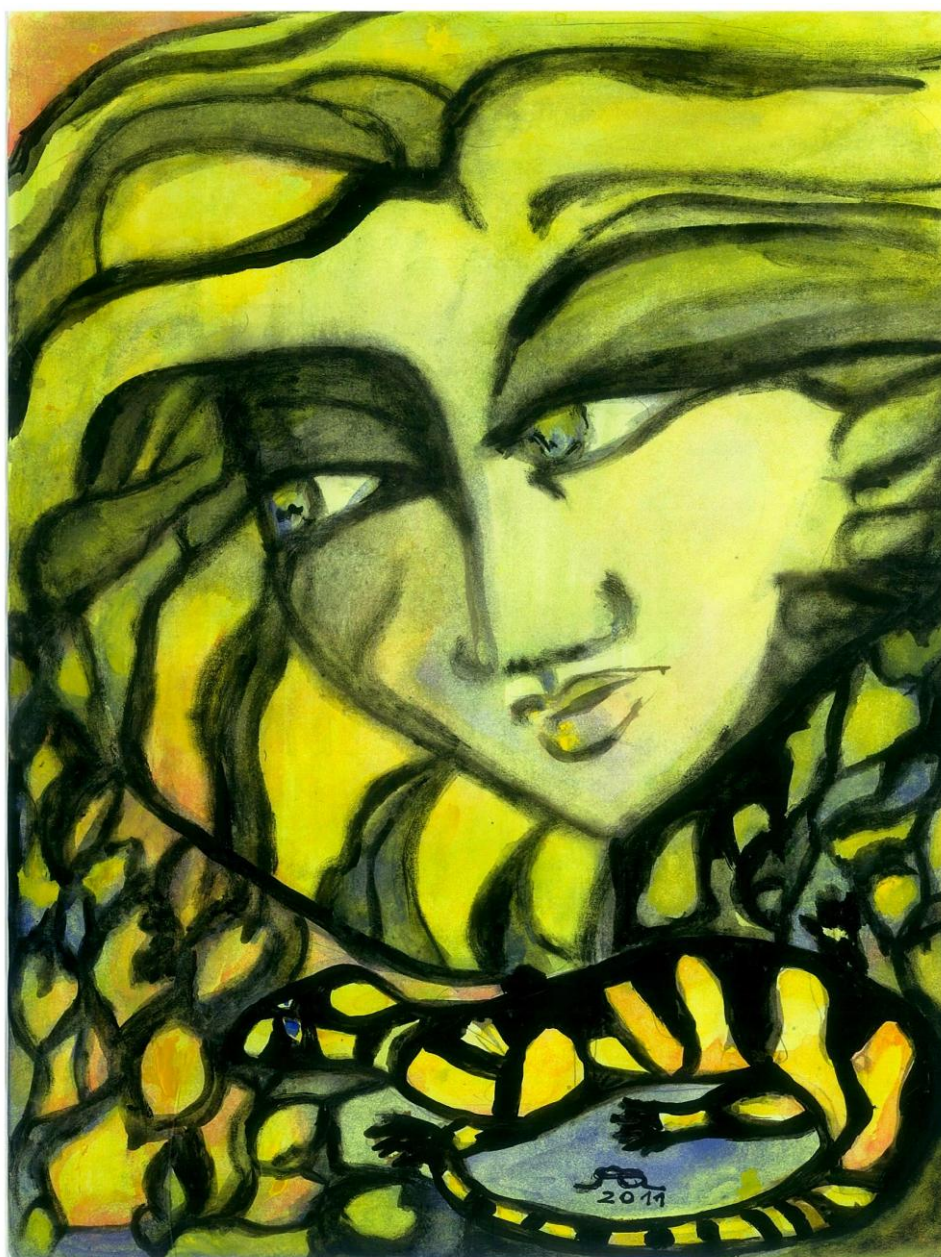


O deus cor-de-sol

Filomena Vasconcelos

Faculdade de Letras
Universidade do Porto

Ilustrações de Filomena Vasconcelos



Houve um tempo em que os deuses desciam das suas galáxias estreladas e visitavam a Terra. Vinham na forma de seres terrenos, podiam ser humanos ou animais, elementos ou forças da natureza, como o vento, o relâmpago ou a lava, os rios e mares. Quando tomavam a forma humana eram sempre muito belos, com aquela estranheza no olhar e num certo modo de ser ou de estar que fascinava e ao mesmo tempo intrigava quem os via. Talvez fosse do brilho escuro e intenso que lhes envolvia o corpo e modelava os movimentos numa espécie de aura perversa feita de inocência e maldade. Eram vaidosos, divinamente vaidosos, mas gostavam de andar incógnitos, passar despercebidos entre a multidão dos mortais para melhor se rirem da sua miséria. Eram imprevisíveis. Eram implacáveis, cruéis, tão divinamente frios e distantes como divinamente magnânimos e compassivos. Era difícil reconhecê-los e só a certos sábios ou magos era concedido esse poder.

O deus que visitou o reino antigo de um rei sábio veio na forma de um jovem que estranhamente poderia também ser um velho. Digamos que será até paradoxal falar do tempo quando se fala de um deus, pois o deus não tem tempo e para ele o tempo não existe. O tempo só faz sentido para nós, seres temporais e, por isso, mortais. No espaço do nosso tempo há porém uma coisa que nós temos e que é quase desconhecida dos deuses: a memória. Mas como tudo, a memória tem a finitude das coisas que existem no tempo, mesmo quando vai muito para além da vida humana e, nessa altura, se chama história. É por isso que descrever um deus é um difícil exercício de memória, não individual, pois seria demasiado curta e míope, mas colectiva e universal, alçando-se para lá das fronteiras da própria história dos povos, percorrendo antes os caminhos das lendas e dos mitos. E na memória da lenda daquele reino antigo ficou como que gravada a imagem fugaz de um homem muito belo que diziam ser cor-de-sol. Não que se parecesse com o sol, não era amarelo nem dourado. Não trazia nenhum raio de fogo ou coroa solar e em nada era uma criatura aberrante, uma *avis rara* da natureza. Mas talvez fosse o brilho, a intensidade do brilho estelar envolvendo-lhe a silhueta que se destacava na multidão baça ao seu redor. Cor-de-sol foi somente a metáfora possível de um sentido indizível.

Um dia, o deus cor-de-sol entrou nos domínios do palácio real e caminhou entre o arvoredo ao fundo dos jardins. Parou junto a uma velha árvore admirando-lhe a copa frondosa. Recostou-se e adormeceu à sua sombra como qualquer ser terreno. Quando acordou, ficou surpreendido pela sensação vaga de uma recordação. Tinha sonhado mas não conseguiu saber sobre o quê. É que os deuses também sonham, mas não sabem que o fazem, pois para eles sonhar é como criar realidade. Sonho e real são para eles a mesma coisa. Não há esquecimento possível na passagem de testemunho do sono para a vigília, pois essa é apenas uma condição humana. Os deuses não dormem, não é o que dizem? Só quando vestiam a pele humana e fingiam ser terrenos, por momentos até iludidos da sua mortalidade inventada, é que os deuses gostavam de brincar às emoções e consciências humanas, fazendo de conta que sentiam como sentem os humanos, no amor, na paixão, no ódio, no sonho e na morte. E foi então que ao deus cor-de-sol lhe pareceu acordar de um sonho entretanto esquecido, e sentir uma profunda angústia que logo se desvaneceu, levada pela aragem morna daquela tarde de Verão. Espreguiçou-se no tapete de musgo verde e olhou o azul claro do céu recortado pela folhagem. Achou graça a contar os pequenos raios de sol que lá conseguiam esgueirar-se por entre a densa rede de ramos e folhas até se fixar nuns curiosos reflexos de luz no interior escuro da própria árvore. Não eram só reflexos, eram magníficos pomos dourados, bem sólidos, macios e resplandecentes. Eram frutos! Apeteceu-lhe agarrar um deles e prová-lo. Não, talvez o guardasse para o levar consigo como recordação. Mas como, se a memória não existia? Afinal, não era ele um deus? E, oh, como devia ser saboroso... trincou o fruto, macio, doce, e docemente perfumado... puro prazer do momento eterno, só aos deuses reservado!

Pareceu-lhe voltar ao sonho de há momentos e aos corredores de um tempo perdido, que não era o seu de verdade, mas simplesmente um tempo de empréstimo. Deu por si a ser embalado como um menino nos braços de sua mãe, que lhe beijava os cabelos e dizia um sem número de pateticos em jeito de cançoneta. Riu baixinho e secretamente invejou os homens que nasciam e morriam. O tempo de nascer e o tempo de morrer. Como era difícil aos homens nascer... mas esqueciam logo, sem chegar alguma vez a lembrar-se... como

era difícil aos homens a morte... estranho para um deus pensar estas coisas, mesmo a sonhar... o que era nascer? E não era a morte apenas um outro espaço da vida? Mas que interessava? Os homens conhecem pouco e sabem ainda menos. São patéticos, têm sentidos patéticos, percepções patéticas, sentimentos patéticos. Tristes. Além disso, têm uma natureza embotada e arrogante, falta-lhes o humor, não se dão conta do ridículo. Deviam acreditar mais nos sonhos, pois são lugares de iluminação, antecâmaras do desconhecido e do inominado que é preciso conhecer e nomear. Deviam acreditar nos sonhos, deviam acreditar nos sonhos, deviam acreditar... os sonhos, os sonhos, sonhos, que sonhos... deixara já para trás a memória do sonho e os fantasmas dos homens para lá da cortina da morte... ou no limbo do que ficou por nascer...

“Os pobres de espírito e os ascetas estão excluídos dos prazeres do Paraíso porque os não compreenderiam.” Ouvia-se Borges à distância.

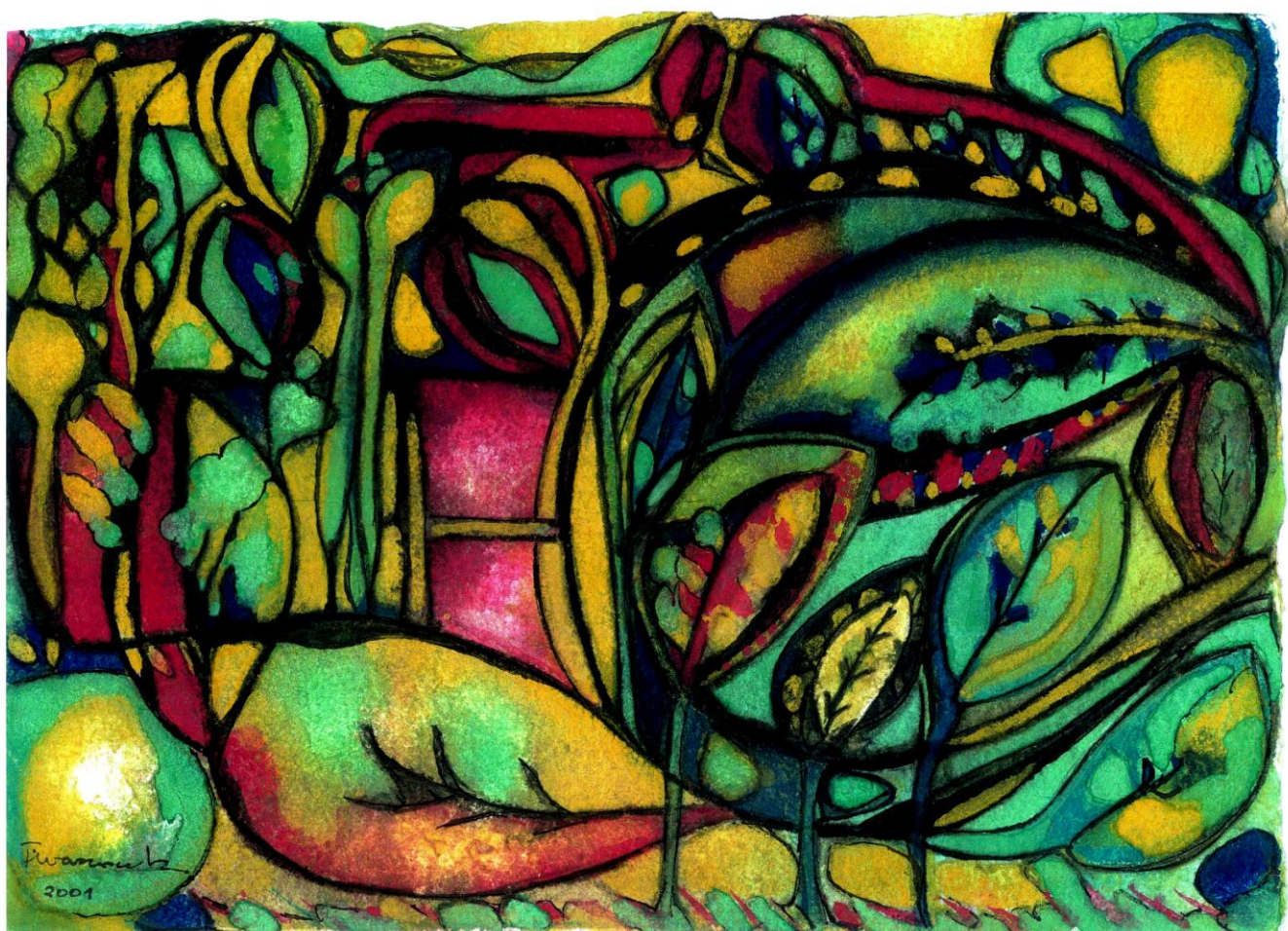
Um pequeno animal viscoso e escuro, um batráquio luzidio, mexia a cabeça e as patas com grande rapidez ao rastejar pelo musgo em direcção à árvore, tronco acima. Quase não dera pela presença do intruso ali a dormir à sombra, não fora pela luz estranha, ou brilho, que dele irradiava, ferindo-lhe os olhos. E prosseguiu caminho, sem ligar a mais nada. O deus cor-de-sol não estava habituado a ser ignorado, displicentemente ignorado por uma criatura tão insignificante. Melindroso como só os deuses sabem ser, seguiu-lhe os movimentos com curiosidade. Mas não foi o que a criaturinha viscosa ali foi fazer ou acontecer que fascinou o deus radioso. Pouco lhe interessavam as actividades dos seres terrenos, comezinhas, rotineiras, e de mera sobrevivência. Não. Foi a dança graciosa dos seus passos leves e ligeiros, por entre a folhagem escura e os frutos dourados, recortando a luz em reflexos de fogo no corpo frágil, ondulante. Parecia que a árvore se abria em milhares de labaredas, cúmplice do jogo incessante de luz e reflexos da dança do batráquio. Era como se andasse dentro do fogo. O deus cor-de-sol levantara-se.

“Dou-te o nome de ‘Salamandra’ porque andas dentro do fogo”, disse ele. Num gesto espontâneo tomou a criaturinha assustada entre as mãos. “O

teu corpo inteiro ficará marcado com o sinal da labareda dourada, para que ninguém ao ver-te se esqueça de quem tu és: filha do sol e senhora do fogo. Terás poder para o criar e extinguir, como bem te aprouver.”

Dito isto, pousou a salamandra no chão para que ela seguisse o seu rumo. Labaredas amarelo-dourado pintavam-lhe o corpo escuro e viscoso e foi por esse colorido vivo, em dança ao sol e ao fogo, que todos ficaram a conhecê-la.

“Pequeno dragão que vive no fogo...”, continuava Borges.



Voltando-se de novo para a árvore, o deus cor-de-sol agradeceu-lhe a dádiva dos frutos dourados e suculentos. Ordenou ao sol que sobre ela enviasse um dos seus raios para que esta o absorvesse na seiva e permanecesse viva e fértil para todo o sempre. As folhas escuras lembrariam a frescura da sombra nas tardes de verão e os pomos dourados e doces seriam

elixires sagrados de imortalidade para quem os provasse. Talvez Eva pensasse que os encontrara, certo dia, no Jardim de Éden. Talvez Hércules os tivesse cobiçado e tentasse roubá-los a Hera no Jardim das Hespérides Há muito tempo no pomar de Iduna...

A árvore ficou conhecida como a “Árvore da Vida” mas já ninguém sabe onde ela vive. Mas que ela vive, vive.

O universo é uma árvore gigantesca carregada de frutos dourados a luzir no escuro. Por lá passeiam deuses e anjos como que ao luar. Dizem que também os espíritos.



Epílogo

Um dia, o rei sábio encontrou a Salamandra junto da Árvore da Vida e, arrancando dela uma das suas folhas escreveu com pena de ouro palavras de sabedoria que Plínio, mais tarde, viria a reescrever na sua *História*: por ser tão fria, a Salamandra apaga o fogo só de lhe tocar; de batráquio pode transformar-se em animal alado, ora quadrúpede, a Pirausta, ora semelhante à Fénix, ave de fogo que renasce das cinzas. Os alquimistas haviam de atribuir-lhe a simbologia de espíritos elementares do fogo e Borges lembraria a Salamandra de Santo Agostinho n’*A Cidade de Deus* como aquela espécie de “animais sem dúvida corruptíveis, pois são mortais, que vivem todavia nas chamas....” Acrescenta ainda que para Leonardo da Vinci “a Salamandra se alimenta do fogo e que este lhe serve para mudar de pele.”¹

¹ Todas as referências a Jorge Luís Borges se reportam a *O Livro dos Seres Imaginários*. Trad. Serafim Ferreira, Teorema, Lisboa, 2009 (*El Libro de los seres imaginários*, 1989).